



A partir daí, eu passo a citar problemas práticos. Os métodos que nós usualmente empregamos são os mesmos que eram utilizados quando se tinha um conceito de escola absolutamente elitista. Alguns professores elaboram trabalho em escolas de periferia quando as crianças estão aprendendo a calcular as áreas. Seria muito mais lógico que se pedisse a crianças desse tipo de escola que fornecessem, por exemplo, a área do lugar onde elas morem, ou, então, que calculassem a área entre os dois barracos onde elas moram. No entanto, é-lhes exigida tarefa como: faça a planta baixa das instalações sanitárias da sua casa. Como executar uma tarefa assim se elas não têm instalações sanitárias em casa ?

Agora, em língua, o que se cobra do menino de grupo de periferia, em livros didáticos que há por aí, é a aplicação prática de redação sobre temas que para ele são ficção. Por exemplo: conte a sua temporada na praia; detalhe a festa de 15 anos a que você compareceu.

No ensino da língua propriamente dita, como é curioso que um livro tenha a coragem de, ao tratar da formação de palavras, colocar que as palavras podem ter uma origem de morfemas prefixais grega ou latina, isso para crianças de periferia ! Que vivência elas têm de palavras como eucaristia, para estudarem a sua formação ?

O outro problema é quanto ao livro didático. De tal forma os autores vêem na falta de métodos uma lei, que são capazes de cobrar de alunos de 7ª série uma diferença mínima entre sinédoque e metonímia. Isso, para mim, é vestígio de Brasil colonial.

Ainda sobre o livro didático, eu tenho depoimentos de algumas alunas que lecionam em Contagem, em escolas do tipo "Reunidas", em escolas do bairro Matadouro, e que afirmam o seguinte: a linguagem que se aplica no livro, de tal forma é distanciada, que se torna impossível aplicar o livro didático. O que ocorre nas escolas, normalmente, é que os livros didáticos são impostos e, de um modo geral, através de órgãos oficiais, o que, a meu ver, é muito grave.

Prof. Hugo Mari

Há um aspecto que eu gostaria de ver discutido e que diz respeito ao engajamento do livro didático. Já que nós temos aqui dois autores desse tipo de livro, eu pergunto: será que nós devemos ter uma educação amarrada, dirigida para certas classes sociais, ou devemos encontrar no livro didático meramente um esquema básico de trabalho ? Um esquema adaptável às várias situações de ensino ?

Prof.<sup>a</sup> Clara Grimaldi

Até 1949, independentemente do compartimento social em que as pessoas viviam, vinha um programa absolutamente pronto, oficial, que era aplicado indistintamente, sem cogitar se aquilo atendia à realidade - não se cuidava disso. Acontece que nós estamos muito distantes de 1949, e, conquanto as coordenações sejam relativamente autônomas na fixação de seus programas, nós estamos dentro daquele esquema. Já nem falo do livro didático, mas do conteúdo gramatical. O tratamento que se dá a ele não difere do daquela época.

O Carlos Maciel faz uma condenação que me parece muito sensata. Vamos estabelecer que estamos num determinado estágio no tempo e no espaço e humildemente apanhar o elemento aluno a partir desse estágio em que ele se coloca. Isso significa, como apregoam, "baixar o nível"?

Prof. Orlando Bianchini

Depende do que se entende por nível. Se se trata daquele ideal, vamos dizer, de uma escola humanística, bucólica, lírica, em que a erudição era o fator primordial, então, sim, significa "baixar o nível". Agora, se se entende por nível exatamente o estágio de necessidade do indivíduo, eu penso que significa "chegar a ele".

Prof. Carlos Maciel

Impressionou-me particularmente uma frase proferida pelo Guido, em seu debate: "o professor é repetidor de uma mensagem de que não é o autor". Se isso realmente é verdade, o professor é meramente um menino de recado e não pode alterar a mensagem. O que me preocupa nisso não é o fato de essa mensagem vir pacotizada e ser transmitida, mas é o fato de que alguém mandou essa mensagem. Então, a pergunta fundamental é esta: a quem estamos obedecendo ?

Prof. Guido Almeida

O que me parece mais perigoso nisso tudo é que, antes de qualquer interesse, está em jogo o interesse das editoras. As escolas, por motivos vários, impõem o uso de livros didáticos que, na sua grande maioria, veiculam conceitos bastante inadequados e estes são repassados ao aluno sem a mínima consciência crítica e profissional por parte do professor.

Maria Inês Almeida (Aluna)

Eu fico me perguntando se nós, alunos, temos chance de interferir nesse processo todo, se há meios de modificarmos o método de trabalho para influirmos numa série de coisas com as quais não concordamos. Apesar de alguns colegas meus serem pessimistas quanto a essa possibilidade, eu, pessoalmente, acredito nela.

Prof. Orlando Bianchini

Eu penso que essa possibilidade existe sim. Pelo menos começou a acontecer, porque todo esse trabalho, que vem sendo feito há dois anos, como o Carlos Maciel falou, foi um trabalho que em todos os momentos procurou integrar o aluno. A gente pode até chegar à conclusão de que tal



Prof. Hugo Mari

Eu penso que o maior problema que enfrentamos é o desnivelamento dos alunos na turma. Diante desse problema, temos sido de uma passividade extrema. O que vimos desenvolvendo, por exemplo, na área de Estudo de Texto, não nos leva nem àquelas propostas essenciais que nós colocamos quando da implantação da Reforma (\*). A meu ver, não exigimos do aluno o que deveríamos. Em vez de atendê-lo no nível em que se encontra, deveríamos tomar como base o nível a que ele pode chegar, apertando o máximo possível o ritmo de trabalho.

Prof. Orlando Bianchini

Mais uma vez esbarramos no problema da contenção de programa. Nós podemos estar errando, não por postulação, mas por execução. Ou seja, a postulação era: a partir de hoje o indivíduo está assim (porque não adianta começar muitos graus acima do real - o indivíduo não acompanha) e vamos trabalhar em função disso. É óbvio que há uma série de implicações a partir daí. Com uma carga horária de 360 horas não se pode tentar recuperar as falhas de conteúdo de 1º e 2º graus. Por outro lado, não se pode trabalhar num nível avançado com um aluno que não consegue estruturar períodos, que não sabe interpretar um texto de dificuldade média. Mas em nenhum momento eu pretendo que o curso de Letras se transforme num 1º ou 2º graus adiantados. A solução seria conciliar as linhas de trabalho extremas.

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (Aluno)

Parece-me que existe um modelo fixo, eterno, que a universidade tem: formar catedráticos. Ocorria, noutros tempos, que os alunos

---

(\*) Princípios estabelecidos em dezembro de 1979, por ocasião de uma semana de estudos do Setor de Língua Portuguesa.

chegavam bem mais preparados ao curso superior, com maiores conhecimentos de literatura, com conhecimento geral bem mais amplo. Hoje em dia, não se pode esperar o mesmo desse tipo de aluno.

Prof.<sup>a</sup> Clara Grimaldi

Eu receio que você esteja falando de uma cultura enciclopédica, e isso nem sempre refletia positivamente no desempenho dos alunos. O problema não é bem esse que você está levantando.

As licenciaturas são muito jovens no país. Todos se sentiam professores natos. Todo mundo que tinha uma carreira superior se considerava um professor. Então, o advogado era um professor de Português; o médico era o professor de Ciências e o engenheiro, de Matemática. A licenciatura aqui em Belo Horizonte foi instituída há menos de 4 décadas - é muito jovem, e já estão pensando em reformulá-la. É, pois, difícil avaliar se o aluno era mais intelectualizado que o de hoje, se trazia maior bagagem cultural. O modelo é que era outro.

Prof. Hugo Mari

Eu acho que nessa discussão toda a gente tem pelo menos chegado a uma certa constatação de que há uma desfragmentação do conhecimento, quando ele existe. Estamos reclamando que os alunos entram para a Faculdade de sem base. Esta é uma tese que está sendo repisada por todos. E por outro lado cerca-se de um pensamento saudosista de que antes era melhor, com o que eu não concordo inteiramente. Agora, então, é o seguinte, vejamos. A minha época de Faculdade de Educação foi em 1972. Eu penso que alguns poucos anos antes se conheceu, digamos assim, uma grande efervescência nesta área de educação, como a chamada tecnologia do ensino. Sabemos que a Didática está sendo assim uma espécie de "causa mortis" do conhecimento. Mas sabemos também que voltar àquela Didática da ordem

anterior, de ensinar no quadro, de pegar no giz, decorar, isto não é suficiente.

Agora, o que, na Faculdade de Educação, vocês estariam produzindo em função dessa desfragmentação que é evidente em qualquer nível de ensino? O que vocês estão produzindo não seria necessariamente uma retomada dessa ordem anterior?

Prof. Guido Almeida

Bem, acho que é uma resposta. Nós todos temos saudade do nosso tempo de escola, e a Psicologia até explica isso. Mas a pergunta não foi bem essa.

Eu penso que a Didática não tem sido a "causa mortis" do ensino. Se ela não salvou o ensino, não foi ela que o matou. Muito mais do que ela, talvez a democratização do ensino, que permitiu que se abrissem as portas das escolas a um contingente muito maior de alunos, seja a culpada pela falência do ensino. Note-se que fazer curso superior virou moda, também a nível de pós-graduação.

Eu não me sinto no direito de opinar em nome da Faculdade de Educação, mas eu posso dizer que de todo esse "boom" tecnicista, na nossa área - do ensino de Português - o que restou foi a importância que se lhe conferiu como um processo de comunicação. Comunicação interpessoal, e nunca numa via só, ou comunicação de massa. A sofisticação do processo de ensino, tão apregoada nos anos 60 e 70, pode interferir negativamente nessa comunicação interpessoal, mutilando-a, tornando-a unilateral. O que eu vejo, entretanto, na nossa realidade, é que não podemos sequer criticar o excesso de tecnicismo, uma vez que não chegamos a experimentá-lo, por falta de recursos.

Mércia Gomes da Silva (Aluna)

Por que, na escola, não se começa, desde o início, a incentivar



a criança, de maneira graduada, a tomar gosto pela língua culta ?

Cada livro traz, para ela, uma gramática diferente. E, se ela aprende a língua de seu pai, de sua mãe e de sua comunidade, ela tem também condição de internalizar essa língua que um dia lhe será tão importante. Até para ela dizer "sim, senhor" e "não, senhor" será necessário ela se expressar naquele código.

Quanto à linguagem escrita da criança, a escola, desde os primeiros anos, rotula: você escreve bem, você não escreve bem. Com isso, ela é levada a se inibir nas primeiras tentativas que ela faz de expressar aquilo que tem dentro de si. Normalmente, ela não é corrigida, mas discriminada. Isso fez nascer na grande sociedade brasileira um tabu : a língua culta. Ora, se essa não é a minha língua, mas se ela é a língua oficial, por que não posso ter acesso a ela ?

Profª Clara Grimaldi

A gente não pode esquecer a memória cultural. Esse padrão culto não é bem definido em relação à nossa língua. É um pouco perigoso que isso passe a ser tônica da escola no ensino da língua.

Maria Inês Almeida (Aluna)

Completando o que foi levantado aqui, e com referência ao que o prof. Guido salientou no seu debate ao texto do prof. Carlos Maciel, confessando a sua angústia ao ver o desprezo com que os alunos tratam a língua, eu faço a seguinte colocação: por que existe um relaxamento por parte dos alunos se sempre a "boa norma", a "norma culta" foi ensinada ? Por que a gente fala "errado" ? Por que não sabemos nos expressar ? A meu ver, o problema é um só: a escola não cultivava o pensamento do individuo, por isso ele não tem como se expressar. Eu penso que numa determina da época a escola já cumpriu essa tarefa, mas hoje já não a cumpre. Daí eu discordar de quem afirma que ao professor cabe apenas transmitir a ma

téria pura e seca. Para mim, o professor, além disso, tem de trabalhar o raciocínio lógico de seus alunos. Nós teríamos de descobrir uma maneira não apenas de ensinar o português, mas também de levar os indivíduos a usarem o português como instrumento de participação da sua própria vida. Ao professor, como intelectual que é, deve ser dado o direito de participar da vida política do país e, como ser político, ele terá mais chances de ajudar o aluno a galgar os caminhos da boa expressão.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

Estou de acordo com a Maria Inês: o fazer tem superado o pensar nas aulas de português. Esse tecnicismo mata o aprender. Professores e alunos são seres sociais, seres políticos: sem assumir essa condição, não haverá nenhuma aprendizagem. Haverá reprodução, mas não produção.

Creio que podemos encerrar esta mesa-redonda.